



# Violência

## O lado avesso da razão

“Precisamos ter um olhar sobre nossas crianças a respeito da sua vida diária, seus amigos. E, principalmente, resgatar o diálogo. Dentro deste cenário, qualquer sinal de sofrimento, constrangimento ou intimidação será notório e poderemos prestar socorro logo no início”

PAULO CHICO  
paulochico@folhadirigida.com.br

Última quarta-feira, dia 6. O pedido é feito, aceito e a entrevista fica agendada. O tema a ser abordado seria mesmo o bullying. Contudo, a manhã seguinte, 7 de abril, reservaria surpresas. Justo no dia do Jornalista, fomos todos tomados de assalto por uma notícia daquelas que preferiríamos nunca dar. Diante da tragédia em que foram mortos e feridos alunos da Escola Municipal Tasso da Silveira, em Realengo, Zona Oeste do Rio, não havia outro jeito. De imediato, novas perguntas foram enviadas. Menos conceitual, a pauta passava a tratar de um caso tão recente quanto explícito. Quase inacreditável.

Foi com rapidez que a professora Elenice da Silva topou conceder a entrevista que, do contato inicial até a última pergunta feita, foi se transformando ao sabor dos acontecimentos e revelações sobre o caso. Especialista em bullying e autora do livro 'Corredores de Justiça - Combatendo a prática do Bullying nas escolas, educando uma sociedade para a paz', a pedagoga pós-graduada em Psicopedagogia atendeu não somente à solicitação da FOLHA DIRIGIDA. Serviu de fonte para outros órgãos de imprensa.

Ao partir da teoria acadêmica, Elenice chega a conselhos e instruções práticas, com a experiência de 28 anos em salas de aula. "Uma forma de combater a violência é diminuir a intolerância que encontramos entre os pares, resgatando o amor ao próximo, a ética e a dignidade", defende ela. Uma fala pertinente nesta época em que palavras de intolerância de ordem racial e de orientação sexual são proferidas com estrondo por um deputado federal. E, assustadoramente, encontram ressonância e aprovação em certos setores da sociedade.

No fim de tudo, no balanço da semana e da entrevista, fica a sensação de que o crime praticado pelo atirador Wellington Menezes de Oliveira é incompreensível e injustificável. De que a ação, de nítida inspiração terrorista, dificilmente poderia ter sido evitada. Mas que, talvez, pudesse ter sido minimizada em sua gravidade, se houvesse mais investimentos do poder público em segurança - em especial, nas unidades escolares.

De certeza fica o alerta de que o bullying, além de brutal covardia em relação a suas vítimas, pode revelar-se um tremendo tiro no pé da própria sociedade. Ameaçar, agredir e humilhar são atitudes humanas às quais, obviamente, não costumam ser dadas respostas das mais nobres. Toda e qualquer agressão é, por definição, uma provocação. E a reação, que quase sempre é o medo, pode vir na mesma moeda, isto é, no gatilho da violência. Por vezes, em medida descabida que, como no episódio de Realengo, faz vítimas absolutamente inocentes. Pena.

**A SOCIEDADE AINDA SEGUE SOB O IMPACTO DO FATO OCORRIDO NA ESCOLA EM REALENGO. SABE-SE QUE, QUANDO ESTUDAVA NA UNIDADE, O ATIRADOR SOFRIA INTIMIDAÇÕES CONSTANTES EM SALA DE AULA, SENDO CHAMADO DE 'TONTÃO, BOBO E VIADINHO'. SE FOR POSSÍVEL TENTAR EXTRAIR ALGO DE POSITIVO DESTA TRAGÉDIA, SERIA EXATAMENTE ESSA LIÇÃO? A DE QUE A SOCIEDADE COLHE O QUE PLANTA? ISTO É, QUE O BULLYING PODE RESULTAR EM REAÇÕES TAMBÉM AGRESSIVAS, SOBRETUDO EM CASOS DE PESSOAS DESEQUILIBRADAS OU COM PROBLEMAS MENTAIS, COMO O WELLINGTON?**

Elenice da Silva - Entendo que se for de conhecimento que este jovem sofreu na sua infância escolar perseguições, constrangimentos e dores repetitivas, sem nenhuma intervenção que o protegesse ou o livrasse disso, podemos caminhar para uma hipótese de bullying. Sabemos de muitos casos de crianças que sofreram na sua infância escolar com as 'piadinhas', os 'rótulos' e tantas situações físicas e morais de 'brincadeiras' de mau gosto que criaram marcas profundas, gerando revolta despejada, já na fase adulta, de alguma forma em alguém ou em um grupo. Independente de qual tenha sido o motivo que moveu este homem a este ato lamentável, que sirva de alerta para todos nós. Temos que ficar mais perto de nossos alunos e de nossas crianças, dialogando e fazendo parte da vida deles e de tudo que os rodeia, para estarmos sensíveis a possíveis gestos de violência e intolerância.

Casos como a chacina de estudantes da Escola Municipal Tasso da Silveira chocam a sociedade, que sofre para tentar entender os processos que podem desencadear atos tão violentos. Nesta entrevista, a professora Elenice da Silva, especialista em bullying, joga luzes sobre o episódio, bem como avalia os casos de agressão que permeiam o cotidiano escolar. E faz uma constatação: a violência se instala, sobretudo, em espaços onde faltam diálogo, tolerância e reflexão



Elenice da Silva: "precisamos fazer desta dor um sonho de um mundo melhor"

**COMO EVITAR QUE UMA VÍTIMA DO BULLYING, COMO RESPOSTA À AGRESSÃO SOFRIDA, TORNE-SE TAMBÉM UM AGRESSOR?**

Em primeiro lugar, precisamos ter um olhar sobre nossas crianças a respeito da sua vida diária, seus amigos, relacionamentos como um todo. E, principalmente, resgatar o diálogo. Dentro deste cenário, qualquer sinal de sofrimento, constrangimento ou intimidação será notório e poderemos socorrer logo no início, denunciando e buscando as competências. No caso, o posicionamento da escola, para que se tome uma providência, para não correremos o risco de ter uma pessoa com marcas e traumas, passível até mesmo de ser um agressor no futuro. Evidentemente, não podemos julgar que toda pessoa que sofre bullying na infância, será um agressor em potencial quando adulto. Mas fica aqui uma orientação preventiva.

**COMO TRABALHAR COM O TEMA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS? A MÍDIA DEU AMPLA COBERTURA A ESSE CASO EM REALENGO. COMO OS PROFESSORES DEVEM ABORDAR O TEMA, OU RESPONDER ÀS INEVITÁVEIS PERGUNTAS DOS ALUNOS?**

Sempre apoie e desenvolvi programas de prevenção dentro de uma proposta de conscientização e alerta para alunos, professores, pais e sociedade num geral, visando tirar as pessoas da desinformação. Já há movimentos na área educacional, bem como legislações que falam de programas de combate à violência nas escolas. Temos é que de fato fazer, por a mão na massa, montar palestras, promover reuniões de pais, capacitação de professores, convidar especialistas para formar e informar como devemos agir e assim por diante. Entendo ainda que não só a área educacional, mas tantas outras que direta e indiretamente se interligam à escola, como a segurança, saúde e cultura, devem estar envolvidas. A escola precisa assumir seu papel de informar e formar.

**QUAIS IMPACTOS AÇÕES DE TANTA VIOLÊNCIA COMO ESSA PODEM DEIXAR EM PROFESSORES E ALUNOS? QUE TIPO DE APOIO PSICOLÓGICO E PEDAGÓGICO DEVE SER DADO À COMUNIDADE ESCOLAR?**

Através de um diálogo aberto, sem medo e

sem dirigido. Precisamos convencer nossas crianças que elas estarão acolhidas e protegidas, ao mesmo tempo que não podemos mascarar o que ocorre. Elas serão pais e mães no futuro e precisarão entender que a violência pode ser gerada dentro do ser humano e numa sociedade, seja na mais favorecida ou não, na mais esclarecida ou não. Dizer que isso aconteceu, sim. Mas que não precisa acontecer mais, crer que não acontecerá mais. Precisamos fazer desta dor um sonho de um mundo melhor porque somos pessoas boas e importantes. E o medo não irá destruir nossos sonhos, precisamos continuar. Neste momento, entendo que todo e qualquer projeto que envolva prevenção, formação e esclarecimentos, deve ocorrer nas escolas, entidades e famílias, apresentando como devemos identificar a presença e comportamentos estranhos, sinais de agressão, violência ou intimidação de qualquer natureza, fortalecendo a denúncia e o pronunciamento. Trabalhar valores como a justiça, o perdão, o amor ao próximo, resgatando a cidadania e a ética. Tudo isso fortalecerá a segurança física, intelectual, moral e espiritual de nossas crianças.

**A SENHORA TEM LONGA EXPERIÊNCIA COMO EDUCADORA NA REGIÃO DO CAPÃO REDONDO, EM SÃO PAULO. EM COMUNIDADES CARENTES O BULLYING MOSTRA SUA FACE MAIS PERVERSA? NÃO ENTENDO QUE O BULLYING TENHA UMA FACE SEGUNDO NÍVEIS SOCIAIS. ELE SE MANIFESTA SEM MOTIVO APARENTE, PODENDO OCORRER EM QUALQUER LUGAR. NASCI EM CAPÃO REDONDO, ESTUDEI NAS ESCOLAS PÚBLICAS DA REGIÃO, MINHA FORMAÇÃO PROFISSIONAL TEVE INÍCIO COM O MAGISTÉRIO TAMBÉM EM ESCOLA PÚBLICA E COMO EDUCADORA SEMPRE TIVE A CERTEZA QUE PODERIA CONTRIBUIR PARA TERMOS UMA EDUCAÇÃO MELHOR. ME ESPECIALIZEI E, EM TODAS AS AÇÕES QUE PARTICIPEI COMO EDUCADORA NESTES 28 ANOS, PUDE TER A CERTEZA DE QUE A VIOLÊNCIA OCORRE E PRECISA SER COMBATIDA EM TODAS AS ESFERAS SOCIAIS. NÃO PODEMOS ACHAR QUE HÁ UM ENDEREÇO CERTO PARA ENCONTRÁ-LA. A CERTEZA É DE QUE ELA PRECISA SER EVITADA.**

**DE QUE FORMA O PROFESSOR, DENTRO DA SALA DE AULA OU ATÉ MESMO FORA DELA, PODE TOR-**

**NAR-SE UM AGENTE FISCALIZADOR, ISTO É, DETECTAR QUANDO UM ESTUDANTE ESTÁ SENDO VÍTIMA DE BULLYING POR PARTE DE SEUS COLEGAS? IDENTIFICADO O CASO, QUAL É O PAPEL DO EDUCADOR?**

Seja dentro da sala de aula ou fora, é difícil identificar a ocorrência do bullying. Tanto as vítimas quanto as testemunhas têm muito medo. Não denunciam a agressão, temendo que o caso se agrave. Apesar de ser difícil a identificação imediata de uma ação de bullying, temos orientado professores, pais e a sociedade, no sentido de que devemos mudar nosso olhar para o que antes era comum. São sintomas que merecem atenção a mudança no rendimento escolar, ver materiais destruídos e roupas rasgadas, a perda de dinheiro sem uma explicação válida, não querer ir à escola, ser alvo de piadas em sala, ser excluído do grupo, passar a ter uma aparência triste, e ter muita timidez. Identificando estes sinais, deve-se procurar um vínculo, um diálogo, construir uma relação de segurança, fazendo com que a criança tenha certeza que pode contar com você e não será julgada mais ainda. Não devemos forçar uma denúncia imediata. Esse processo exige tempo e paciência, para que ela se sinta segura para falar sobre o fato. Não podemos esquecer que esta criança está movida por um medo muito grande, e até mesmo sendo ameaçada, na maioria das vezes.

**SABEMOS QUE, EMBORA MENOS USUAIS, HÁ CASOS EM QUE A VÍTIMA DAS AGRESSÕES - FÍSICA OU MORAL - É JUSTAMENTE O PROFESSOR, SOBRETUDO EM ESCOLAS QUE ATENDEM SÉRIES DE ALUNOS ADOLESCENTES OU JOVENS. QUE RESPOSTA DEVE SER DADA NESTES CASOS?**

Essa é uma temática bastante profunda. Como já disse, sou professora há 28 anos. E durante esta trajetória pude observar profissionais vocacionados e apaixonados pela carreira e pelo que fazem. Mas vi também profissionais descontentes, angustiados, e, até diria, enfermos. Se há profissionais ou pessoas assim, seja na educação ou em qualquer outro segmento, será inevitável colhermos respostas lamentáveis. Este profissional precisa de ajuda... Quem nos garante que ele também não sofreu ou sofre bullying? Não podemos descartar a ideia de que, onde há bullying, todo o ambiente fica contaminado. E esta contaminação poderá atingir qualquer agente dentro da unidade escolar ou fora dela. Precisamos mudar nosso olhar para o ambiente, considerarmos que alguma coisa não está bem e agir logo.

**EM LINHAS GERAIS, HÁ DIFERENÇAS NO TRATAMENTO DA QUESTÃO DO BULLYING ENTRE ESCOLAS PARTICULARES E PÚBLICAS? QUAIS?**

Visito e sou convidada para falar sobre o combate ao bullying em muitas escolas em São Paulo e em municípios vizinhos, acompanhada muitas vezes pela pedagoga Aloma Ribeiro Felizardo, que é especialista em Cyberbullying. E, sejam as escolas particulares ou públicas, quando elas se posicionam sobre o assunto não há distinção no tratamento. Cada unidade escolar hoje tem procurado mapear, dentro de sua realidade, possibilidades de projetos, instruções, aconselhamentos. E uma forma de combater a violência é diminuir a intolerância que encontramos entre os pares, resgatando o amor ao próximo, a ética e a dignidade.

**FALA-SE MUITO DO BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR. MAS, HÁ CASOS TAMBÉM, POR EXEMPLO, NO AMBIENTE DE CONDOMÍNIOS E ATÉ FAMILIARES. A ESCOLA PODE E DEVE SE OCUPAR TAMBÉM DESSES PROBLEMAS, PRESTAR SOCORRO A ESSAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES?**

O assédio moral está em todo o lugar. Ministro a disciplina de Ética e Cidadania e falo com meus alunos do curso técnico que são pais e avós profissionais. Eles encontram esta violência em seus ambientes de trabalho e familiar. Quando falamos de bullying, percebemos rapidamente que as pessoas identificam este comportamento, e assim instruo da mesma forma que tenho instruído pais e professores nas escolas. Digo que o bullying deve ser combatido por todos os brasileiros.

**O QUE A DESPERTOU A PESQUISAR E ESCREVER SOBRE O BULLYING? QUAL FOI A RECEPÇÃO A SEU LIVRO CORREDORES DE JUSTIÇA?**

O berço do livro foi a escola que dirigi durante 15 anos na periferia de Capão Redondo, hoje dirigida pela pedagoga Jurema Alves Baptista. Tudo começou com o privilégio de participar do lançamento do livro do professor Gabriel Chalita, 'Pedagogia da Amizade'. Fiquei maravilhada com a abordagem do tema bullying. Fui encorajada a fazer algo pelo meus professores e alunos que nunca tinha feito antes, e com o que recolhi destas experiências nasceu o livro 'Corredores de Justiça'. Hoje sou voluntária no INDV (Instituto Novidade de Vida) e dirijo um programa Educadores da Zona Sul. Junto com outras frentes de trabalho temos orientado escolas, ONGs, igrejas, empresas e comunidades levando temas como relacionamento familiar, educação, saúde, formação profissional, vida ética, cidadania e amor ao próximo.